

AS IMPLICAÇÕES DO DIAGNÓSTICO MÉDICO NA FAMÍLIA E NA ORGANIZAÇÃO PSÍQUICA DA CRIANÇA

Michele Kamers¹

Este trabalho consiste em uma reflexão realizada a partir do acolhimento de pais e crianças na modalidade de grupos na Clínica Escola de Psicologia da FURB. Trata-se de um serviço que se constituiu devido ao grande número de encaminhamentos realizados pelo Conselho Tutelar, escolas, pais e profissionais de saúde para atendimento da clientela infantil, predominantemente, em idade escolar. A partir da escuta das queixas e demandas da família e da escola, percebemos a fragilidade e impotência em que se encontram estas instituições para resolver problemáticas para a qual são demandadas: a saber, o encargo da educação dos mais novos. Desde a história, sabemos que foi a partir da Modernidade que a família e a escola se tornaram o lócus privilegiado para a educação da criança. Entretanto, foi justamente essas novas exigências colocadas sobre a família, assim como, a exigência de escolarização produzida pela escola, que criou um discurso especializado sobre a infância, na qual a mesma é recortada como “objeto” de teorização e de práticas educacionais, higiênicas e científicas. Na medida em que a criança é colocada como objeto de um discurso especializado, sua educação passa a ser pensada como um assunto de “especialistas”, que exclui, inevitavelmente, os não especialistas sobre o assunto. Pais e professores se confrontam com um total estranhamento e “não-saber” o que fazer diante da criança e de comportamentos e atitudes outrora considerados infantis. Esse contexto ainda vem seguido de orientações, prescrições e prognósticos por parte dos especialistas, supostos detentores do saber sobre essas crianças, que muitas vezes deixam de ser João, Maria ou Lucas para tornarem-se TDAH, TID, Asperger, entre outros. Na medida em que a criança é diagnosticada como hiperativa, o cenário familiar é substituído por uma “outra cena especializada”, que acaba excluindo os “não” especialistas no assunto, nesse caso, os pais. Nessa outra cena a criança torna-se um estrangeiro, e seus atos, ao invés de serem tomados como comportamentos próprios da infância, são significados como atos próprios de determinadas patologias que a criança, sem outras possibilidades, encena de uma forma mortífera.

PALAVRAS-CHAVE: Diagnóstico. Infância. Família.

1. Psicanalista, mestre em psicologia e educação USP, professora do departamento de psicologia Furb, coordenadora do serviço de assistência à infância da clínica escola de psicologia – FURB e coordenadora da PIS em psicologia hospitalar FURB e HSC.